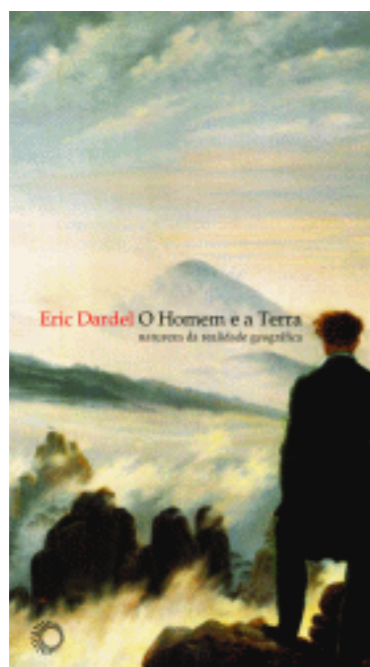


## ANOTAÇÕES DE LEITURA, UM CONVITE PARA LER A TRADUÇÃO DE “O HOMEM E A TERRA” DE ERIC DARDEL

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.  
ISBN 978-85-273-0924-0

Almir Nabozny<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Geógrafo, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Assistente A na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). [almirnabozny@yahoo.com.br](mailto:almirnabozny@yahoo.com.br).  
✉ Av. Carlos Cavalcanti, n. 4748. 84030-900. Ponta Grossa, PR.

### UM PEQUENO APPROACH

*Eu reconheço a existência de uma geografia autônoma a qual eu não mais aprecie valor e interesse: contém não somente uma filosofia, como qualquer ciência digna desse nome, mas é quase, por si só, uma filosofia do homem no mundo<sup>2</sup>.*

Camille Vallaux (1929)

*não é fácil  
romper a pedra do túmulo  
e aconchegar-se  
na terra úmida do fundo.*

Hélio Ferreira (2011)

Descortinamos esse texto emprestando algumas palavras que nos remetem a uma “filosofia geográfica”, a uma poesia telúrica e existencial que colhe da relação Homem e Terra/terra sua matéria-prima para, posteriormente, constituí-la como metáfora, nomeação que propicia sentidos. Com essa concessão, tracejamos algumas das possibilidades que o leitor encontrará ao ler “O Homem e a Terra”, de Eric Dardel, e com isso nos eximimos de uma escorregadia tentativa de síntese ou uma classificação dessa obra rebelde às taxionomias. Nosso propósito é o registro de uma leitura e um convite para que mais pessoas se deixem contagiar por esse pequeno-grande livro que faz jus à tradição dos diminutos frascos dos melhores perfumes franceses.

O leitor tem em mãos uma tradução de um livro publicado originalmente há cerca de sessenta anos na França (1952) – sem, no entanto, tratar-se de tradução tardia. Há sinais na literatura brasileira

<sup>2</sup> Original: *Je reconnais l'existence d'une géographie autonome dont nul plus que moi n'apprécie la valeur et l'intérêt: non seulement elle contient une philosophie, comme toute science digne de ce nom, mais elle est presque, en elle-même, une philosophie du monde de l'homme.*

## Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

de referências ao texto original: uma rápida passagem pelos sites de buscas na internet nos dá essa pista. Mais do que isso, uma espécie de preparo do terreno (instigando a leitura) fora feito para que a obra traduzida, e que chega, possibilite bons frutos. Em vários textos publicados em português, Claval (2006b) faz referência a Dardel, por exemplo, denota que a ideia de **geograficidade** é a primeira proposição efetivamente humana de Geografia. Antes de uma preocupação científica, a **geograficidade** discutida por Dardel refere-se a uma relação concreta que liga o homem à Terra, representada pelo amor ao solo natal ou pela vontade intrépida de correr o mundo. “Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva” (p.1).

Muito embora seja um geógrafo de origem francesa, ao lermos o próprio Claval (1972, 2006a) temos indícios de que o mesmo teve seu interesse por Dardel aguçado recentemente. Os dois livros referenciados discutem História da Geografia, no primeiro (início dos anos 1970) Dardel passa distante, já no segundo (meados dos anos 2000) Claval referenda uma espécie de genealogia de Dardel. Destaca-se que Dardel foi um protestante convicto e inspirou-se na sua fé e na etnologia sob influência de seu sogro o pastor Leenhardt, assim como logrou encontros na casa de seu sogro com Mircea Eliade, especialista dos fatos religiosos.

Devemos ao tradutor da obra em tela alguns esforços por apresentar Dardel ao público brasileiro. Holzer (1993), em texto que expressa uma visão sintética de sua dissertação de mestrado<sup>3</sup> defendida um

<sup>3</sup> Lima (1990), em sua dissertação “A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas”, ao fazer uma incursão geográfica no romance de João Guimarães Rosa, também faz menção a Eric Dardel. Longe de buscarmos traços arqueológicos da inserção de Dardel na literatura geográfica brasileira, inferimos a partir dos exemplos de Werther Holzer e Solange T. de Lima que a obra dardeliana começou a repercutir em trabalhos desenvolvidos na pós-graduação em Geografia desde o final da década de 1980.

ano antes (HOLZER, 1992), consagra um subitem especial a Dardel, mencionando-o como um “Humanista Esquecido”.

De acordo com Holzer (1993), a desatenção em relação à obra de Dardel seria rompida por Edward Relph, no início da década de setenta, e por André-Louis Sanguin, posteriormente, salienta-se que Relph tem o artigo “As bases Fenomenológicas da Geografia”, publicado em português na Revista Geografia (1979). Holzer (1993) afirma que um extrato de “O Homem e a Terra” fora publicada por Pinchemel, Robic e Tissier (1984) e que, em 1986, a obra ganha uma tradução italiana organizada por Copeta na qual incluem-se artigos de outros autores<sup>4</sup>, a mesma publicação provavelmente foi propulsora da reedição francesa em 1990.

Exemplos mais diretos temos em Holzer (2001, 2010), sendo que o artigo de 2001 também acompanha como anexo o livro que estamos discutindo. Em 2001, o autor destaca que a Geografia de Dardel busca uma análise da relação visceral que o homem mantém com a Terra e que o conhecimento geográfico deve buscar os signos ocultos da Terra, os quais revelam o próprio homem na sua condição propriamente humana. Holzer (2010) pontua como Dardel se imbrica na Geografia Americana, com destaque para Relph como pioneiro no uso do método fenomenológico na Geografia. Também salientadas são as preocupações similares entre Tuan e Dardel, por exemplo, nas noções de tempo e espaço, ligados pela distância, estruturados na intencionalidade do ser.

E por falar em Tuan, esse autor teve três livros<sup>5</sup> traduzidos para o português pela geógrafa Livia de Oliveira. Oliveira também assina a

<sup>4</sup> Anne Buttimer, Bertrand Lévy, Clara Copeta, Claude Raffestin, Giuseppe Semerari, Franco Farinelli, J.B. Racine, Jean-Paul Ferrier.

<sup>5</sup> *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (TUAN, 1980), *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (TUAN, 1983), e *Paisagens do Medo* (TUAN, 2005).

### Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

“orelha” da tradução que ora comentamos, e também tem publicada resenha em português sobre “O Homem e a Terra” (OLIVEIRA, 2008).

Destaquemos como propulsões dardelianas na Geografia Brasileira o prefácio da edição brasileira assinada por Eduardo Marandola Jr., o qual evidencia que “O Homem e a Terra” acena para uma Geografia Fenomenológica voltada para os problemas da existência. No texto introdutório, Marandola Jr. expõe o conceito de **geograficidade**, explicitado por Dardel, que, por sua vez, remete-nos à essência geográfica do **ser-estar-no-mundo**.

Mais que uma tradução, o leitor tem em mãos de forma indireta o entrecruzamento de três gerações de esforços para construção de uma Geografia Humanista no Brasil, representadas no livro por Oliveira, Holzer e Marandola Jr.. Muito embora a obra de Dardel (vá além) dialogue com a Geografia e as geografias por meio das atitudes humanas com a Terra, apresentando seus horizontes (abertos), também participa dessa história a própria Editora Perspectiva, que em 2006 publicou “Ver a Terra”, de Jean-Marc Besse, autor que também é representado por artigo (anexo), na versão traduzida de Dardel. Assim como Holzer no Brasil, Besse é um entusiasta da obra de Dardel na França. Para Besse (2006) há em Dardel dois patamares, um epistemológico discutindo objeto e método e outro ontológico, a Geografia como uma dimensão originária da existência humana.

E se insistirmos na ideia de precursão ou de preparo do terreno para a chegada dessa tradução, de nenhum modo fazemos esse exercício sob o prisma de um colonialismo do saber, até porque Dardel não foi negligenciado apenas pela Geografia efetivada no Brasil. Esquecimento atestado por Raffestin (1987) em “Porque nós não lemos Dardel?”. Todavia, fazemos esse adendo buscando algumas hipóteses para a não leitura da obra de Dardel. Assim, trazemos alguns argumentos

de Raffestin (1987), que ao discursar sobre por que não lemos Dardel adequadamente aponta, por exemplo, que sua obra será vítima da própria linguagem poética e sensível que distorceu, em determinado contexto, a originalidade e a novidade de seu pensamento. Da mesma forma, salvo algumas referências clássicas (de geógrafos) a De Martonne e La Blache, os diálogos preferidos de Dardel são com poetas como Hölderlin e Shelley e filósofos como Bachelard, Merleau-Ponty, Ortega y Gasset, Lévinas, Heidegger e Jaspers. Além do mais, para Raffestin (1987), Dardel faz uma espécie de sociologia da Geografia ao tratar da Geografia Mítica, Heroica, Científica, dentre outras “vertentes” da Geografia, mais que trazer uma história evolutiva e/ou institucional da Geografia, faz menção a historicidades em que o “real” - a base a partir da qual a consciência é construída, é revelada por meio da relação Homem e Terra.

A partir dos apontamentos de Raffestin (1987), reafirmamos que a tradução de “O Homem e a Terra” não chega tardiamente ao Brasil, é oportuno o momento em que a Geografia dá sinais de abertura para diálogo entre conhecimento, experiência e imaginário, façamos então um breve apanhado crítico da obra.

#### ALGUNS APONTAMENTOS

O texto está dividido em duas partes. No primeiro momento, Dardel versa sobre (1) o espaço geográfico e, por conseguinte, sobre a (2) história da Geografia. Nessa primeira parte aborda o espaço geográfico em diálogo entre uma realidade (experiência) e um saber. No segundo momento, ao invés de formular uma narrativa institucional da Geografia, prefere fazer menções às atitudes humanas diante da Terra. Encerra-se o livro com uma conclusão.



Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de "O homem e a terra" de Eric Dardel

### O espaço geográfico

Destaca que a Geografia no século XIX, junto com as ciências afins, traz uma preocupação sobre a compreensão das extensões e regiões como fontes de forças e horizontes de vida humana no mundo, e de uma relação concreta entre Homem e Terra, que antecede a ciência.

**Espaço Geométrico, Espaços Geográficos.** O espaço geométrico é uniforme e abstrato, já os espaços geográficos são plurais e nominais, diferenciados entre denso/horizontal.

O conceito de terra como texto revela ao humano seu destino, cuja apreensão remete a uma linguagem poética, sem deixar de ser também ciência. Contudo, a Terra possui seu próprio léxico: o líquido, o rochoso, o luminoso, o aéreo "comunicando-se com o movimento e os sons" (p.05). Tais acepções levam também a outras expressões geográficas que incluem o imaginário, pois "A Geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de **irrealização**, sobre a própria realidade" (p.05). São elementos não fracionados, ou melhor, embrenhados de Terra, que se oferecem enquanto geografia à imaginação: a experiência humana interior ou social, em que a apreensão científica não pode exorcizar a relação confidente entre a Terra e o Eu/ Homem.

Por sua vez, o **Espaço Material** expõe sobre o espaço geográfico talhado na matéria, que, embora às vezes móvel ou invisível, é concreto, glacial, tórrido, ou mesmo etéreo, tal qual o vento que uiva. Trata-se de metáfora de resistência ou ataque da Terra.

Este não é espaço alheio: é matéria que se embrenha de escolhas humanas, dotada de escalas, alta, baixa, mole, dura, conferidas pelo homem. Contudo, não tomada como apreensão de um encontro puro medidas por um projeto ou uma experiência vivida, a matéria compõe aptidões e sentidos para o homem.

A espacialização geográfica pelo homem também sofre de um agenciamento, dos constrangimentos das condições climáticas e do solo, trata-se da natureza geográfica de si mesmo, em que

o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por uma situação concreta que afeta o homem, isso é o que prova a espacialização cotidiana que o espacializa como afastamento e direção. A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de *perto* ou *longe* (p.10).

Tais concepções, no entanto, também permitem relatar a preocupação moderna quanto às medidas precisas, por conta da interdependência política, econômica e produtiva, as distâncias das trocas comerciais, da matéria-prima, etc.

Acoplado à **distância** está a **direção** para se encontrar, desenham-se "regiões", que não são somente dimensões de orientação, mas também de ativamente qualitativo de espaço, é a direção do frio, do gelo ou uma direção tórrida... Há também uma espacialização corpórea que se decide sobre qual o caminho a seguir, ao mesmo tempo em que o qualifica em trajetórias, difícil, dócil, larga; enfim, direções e distintos tipos de caminhos, qualificados pelos caminhantes.

O afastamento e as direções definem a situação do homem, seu sentido de localização que pressupõe um espaço de referência (lugar) onde se encontra e estabelece diversas relações. A concretude geográfica oferece símbolos aos movimentos humanos.

Dimensionamento além-superfície no **espaço telúrico** desdobram profundidades, prolongamentos que nos chegam pelas sensações táteis, imagens, e que nos atraem para elevações e/ou profundezas da

Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

experiência do homem com a Terra. É também espaço da possibilidade, de linha de fuga, de liberdade, seja numa metáfora do alpinista, de um espeleólogo ou do literato.

Já o **espaço aquático** é consagrado ao movimento. Não sem razão por muitos tomados como exemplos em cursos sobre a dialética, o espaço fluído para Dardel é cúmplice dos próprios desígnios humanos. De forma musical o autor destaca que “Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação” (p.21).

Se o espaço aquático é um espaço do movimento metafórico do próprio ser, traçando limites de contorno das porções de terra, o **espaço aéreo** tem conotação de invisibilidade, estabelece contornos ao olhar, todavia, bastante presente pelo vento, pelas nuvens que nele ocorrem ou pela chuva que dele provém. É um espaço concreto – contudo numa posição aberta e solidária.

**O Espaço Construído** reflete a obra humana, ligada a seu *habitat* em diferentes escalas, que diferem para o homem em quantidade e significado. A cidade, por exemplo, “é por só um certo horizonte geográfico” (p.27).

Ainda sobre a reflexão do espaço geográfico, destaca-se a questão das paisagens, a qual transcende a redução científica. Também não são exclusivamente geográficas, configuram o horizonte não limitado, uma janela de possibilidades ilimitadas no bojo das ligações existenciais entre o ser humano e a Terra.

Mas a **paisagem** dardeliana não se restringe ao olhar: antes, é reveladora da inserção do homem no mundo “como expressão fiel da existência” em constante atualização. É convergência que une todos os homens por meio do reconhecimento no movimento vivido.

O último ato da discussão do espaço geográfico refere-se à **existência e realidade geográfica**

A Geografia não é, de início, um conhecimento, a realidade geográfica não é, então, um ‘objeto’, o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realiza em sua condição terrestre (p.33).

A realidade é **para o homem**, assim como requer uma adesão íntegra do mesmo, realiza-se pela “irrealidade”, ou seja, em consciência irrealizante que transcende e transfere em imaginário também a realidade geográfica.

Reflete a intensidade, cores, ternuras, medo, conduz por símbolos para além da matéria. A Terra “se mescla a toda tomada de consciência” (p.41), estabilizando a existência.

Antes de fazermos um apanhado interpretativo e sintético, delineamos algumas partes em destaque. Vale ressaltar que esses distintos níveis de compreensão estabelecem relações, vide os argumentos de Holzer (2001), quando afirma que esse espaço material extrapola uma ciência rigorosamente objetiva, as partes por nós relacionadas acima são decomposições reveladoras de certas qualificações

telúrico, responsável pelas noções de espessura, solidez e plasticidade; aquático, que coloca o espaço em movimento e fixa os limites que o circundam; aéreo, elemento invisível porém presente, a um só tempo permanente e mutante. O espaço construído também é considerado e, além dele, a paisagem. [...] A paisagem colocaria em questão a totalidade do ser humano, sua ligações existenciais com a Terra, ou, como preferia o autor, sua geograficidade original (HOLZER, 2011. p.147).

Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

### **História da Geografia**

Se a Geografia como realidade é o ‘lugar’ da história, uma persistência que ultrapassa o acontecimento, as geografias como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas onde elas eram a imagem admitida da Terra (p.47).

Todavia, não visamos estabelecer uma cronologia da Geografia, seja ela como conhecimento acadêmico, seja enquanto descoberta da Terra. A intenção é de evocar as diferentes possibilidades que aparecem ao homem fisionomias da Terra – transitiva entre o Homem e a Terra.

Dentre as múltiplas fisionomias, há uma **geografia mítica**, de acordo com Sahr (2007) para “GeoGrafia”, o nome Gaia dá raiz ao termo moderno geo: a mãe-deusa grega da Terra, que com Urano gera a Terra. Paralelamente, Gaia significa para os gregos uma terra física, montanhas, rios, etc. Estando reunidos o mito e a cientificidade, a concretude discursiva e a concretude materialista, o verbo grego *graphein* também tem efeito semelhante: de um lado escrever a mãe Gaia compalavras, de outrolado, grafar indicar iscar uma materialidade.

Fazemos essa espécie de introdução à Geografia mítica de Dardel no intuito de denotarmos o quanto dessas “dualidades” em movimento constituem distintas apreensões da Terra pelo homem em suas místicas: a) como **origem** a fertilidade, fonte e mãe; b) enquanto **presença** no mito que não ocupa uma temporalização cronológica, mas uma constante, às vezes oculta, mas que se faz aparecer por meio da superfície; c) enquanto uma terceira qualificação da Geografia Mítica, que se refere ao poder sobrenatural, emanado de uma realidade geográfica que demanda respeito e crença; d) o conceito de que “a Terra é o maior princípio da unidade de grupo, clã ou tribo, a forma

e a condição do homem de ser-com” (p.56) – dentre o mundo mítico em que o ser só existe como parte do todo. A Terra é a base desse todo, comunidade constituída pela correnteza da vida; e) embora não compondo pontos objetivos de distâncias, possui, todavia “um sentido notável de orientação” – direções e delimitações são qualificadas, disso o papel dos “centros sagrados” na orientação e qualificação do espaço circundante.

Essa Geografia Mítica é o que faz aparecer a realidade como tal, e como um fundamento à própria realidade, confirma-o a todo momento.

Na **Terra da Interpretação Profética**, se sobressai como as ligações Homem e Terra são profundamente contagiadas pelas concepções proféticas, enquanto histórias de mundo e criação. Em relação ao mundo mítico há uma inversão, como no discurso bíblico em que o homem passa a dominar a Terra, antes origem: agora a Terra é uma criação. Embora provindo do pó (Terra), a criação do homem é conferida pelo Deus. A Terra deixa de ser uma essência para ser um símbolo da palavra do seu criador. A Terra é temporária e limitada pela espacialidade eterna/celestial.

**A Geografia Heroica** configura uma Geografia da curiosidade dada aos desbravadores, a aventura, ampliação da morada terrestre. De um lado, o herói, de outro, um mundo que brinda as atitudes heroicas. É um conceito contrário à ideia da Terra como produto coletivo, essência da geografia mítica, a Terra da Geografia heroica é aberta ao subjetivo.

Como um capítulo da Geografia heroica, a **Geografia das Velas “Desfraldadas”** revela uma ênfase no descobrir e pisar inicialmente em um torrão de “terra virgem de humanidade”, expressa também um horizonte geográfico. Antes da Geografia institucional do século XIX, Dardel destaca que no século XVIII temos o surgimento de uma Geografia científica, concomitante a uma Geografia sentimental,

### Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

como desfrute estético, expressão de um homem que logra na viagem, na própria geografia, o refrescar de sua alma. É a Geografia Humanista (?).

Sem expressar uma evolução linear chegamos à **Geografia Científica**. Dardel expõe que tal faceta da Geografia é gestada de longa data: “o que temos em vista é a maneira como desperta uma consciência de realidade geográfica como conhecimento e sobre quais ‘objetos’ ela se apoia” (p.83). Ela se faz presente “no momento dos desconhecidos” e, para tanto, afirma um cenário de ordem lógica de mundo.

A pauta é uma preocupação empírica, angariada por inventares de fins estratégicos. Contudo, o autor distingue duas atitudes dessa objetivação geográfica: uma ciência de descoberta – matéria, e a partir do século XVIII, um inventário de laboratório sistematizado cientificamente. Todavia, ambas são alimentadas por uma Geografia de viagem, a qual está no bojo de uma institucionalização com Humboldt no século XIX, em um contexto das grandes expedições científicas.

Um dado a se destacar é a problematização do sujeito-pesquisa, naquilo que Dardel atribui como “ponto de vista” em que a realidade torna-se para um sujeito, sendo sempre *para o homem*, revelando alguma coisa do mesmo.

A objetividade científica inscreve-se, até certo limite, como possibilidade da realização do ser com a Terra. Uma relação que exprime inquietude, a qual não se pode captar integralmente.

As **conclusões** do livro de Dardel perfilam como matiz de tinta fresca nas telas da contemporaneidade, mais que a relação Homem-Terra, explicita as distintas conformações de homem. O homem moderno, diante de uma representação de Terra para si, volta-se a um conhecimento científico deslumbrado em uma “vontade de promover uma ordem espacial e visual do mundo” (p.91), e com isso faz da Terra

algo a ser dominado, uma objetivação do mundo. Todavia, quanto às visões paradoxais que exacerbam um império de racionalidade, o autor sabiamente traz essa tendência como a aceitação plena da subjetividade do homem, no sentido de uma verdade autocentrada na vigência de seu eu. Contrariamente a um homem antigo, para o qual o mundo se desvela por si mesmo, ou mesmo ao homem medieval, que media seu pensar com autoridade de uma verdade-além. Sem, no entanto, deixar de fazer duras críticas à **crença racional**, assim como às consequências drásticas dessa empreitada humana racionalista. Essas observações de Dardel são atualíssimas, por exemplo, no contexto de um debate da chamada “crise ambiental”, em muitos casos debatidos tanto na academia como na esfera pública em polos puros, ora o consumo, ora a produção. Dardel vai a fundo, evidenciando em uma raiz geográfica a relação Homem-Terra, traz no bojo dessas incursões a percepção das atividades turísticas, por exemplo, como busca geográfica de um mundo mais direto, frente à uniformidade material empreendida pela racionalidade da ciência e da indústria.

Por fim, desnuda-se como um drama a “desnaturalização” da Terra, promovida pela visão desencantada do homem com o universo, em que não é permitido à Terra decifrar-se, se não for pelos parâmetros da medida calculada. Juntamente tece duras críticas à ciência perguntando se são mais verdadeiras a onda do mar que observamos ou a molécula que “vemos”. Se a Geografia é um conhecimento da existência, não pode furtar-se desse debate, sem abrir mão de um debate científico, todavia – e sem negligenciar que os mesmos são também morais, estéticos e espirituais.

Por fim, neste texto não queremos dizer o que é “O Homem e a Terra”, mas falar de algo que se propõe, digamos, ser uma obra atenta ao canto da Saracura (*Ara mides cajanea*) ao amanhecer, que anuncia a chuva ou o frio. Engana-se quem por isso credite ser a mesma inocente.



### Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

Sinaliza abertura para uma Geografia em enlace conjugal com a vida e reveladora do humano em sua integridade, o que por vezes pode soar como perturbador, em especial para o discurso racionalista. Disso resulta o discurso crítico radical (da raiz), sem, no entanto, precisar fazer uso de um discurso esbravejante e sisudo.

Evidentemente, Dardel não fala de Saracuras, com isso queremos dizer recusem-na como um **guia fechado**, todavia, inspirador para novas interpretações. ☺

#### REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: Seis Ensaios Sobre a Paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006. Tradução de Vladimir Bartalini.

CLAVAL, Paul. **La Pensée Géographique**. Paris: Publications de la Sorbonne (N. S. Recherches 2), 1972.

\_\_\_\_\_. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006a.

\_\_\_\_\_. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006b. p.89-117. Tradução de Paulo Cesar da Costa Gomes.

FERREIRA, Hélio. **Guardião de datas**. Florianópolis: UFSC, 2011.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950-1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica – De Suas Origens Aos Anos 90. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro (IBGE), 55 (1-4), p.109-146. Jan/Dez de 1993.

\_\_\_\_\_. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.103-122.

\_\_\_\_\_. A influência de Eric Dardel na Construção da Geografia Humanista Norte Americana. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG): Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos**. Porto Alegre: AGB, 2010.

\_\_\_\_\_. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.141-153.

LIMA, Solange Terezinha de. **A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –, Rio Claro.

OLIVEIRA, Lívia de. **Eric Dardel, “L’Homme et la Terre”**. (Resenha da obra). Grupo de Pesquisa em Análise e Planejamento Territorial / GPAPT. Rio Claro: UNESP. 2008. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/gpapt/resenhas.htm>. Visitado em 17 de Out, 2011.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi n’avons-nous pas lu Éric Dardel? In: **Cahiers de géographie du Québec**, vol. 31, nº 84, 1987, p. 471-481. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/021898ar>. Visitado em 19 de Out, 2011.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In: **Geografia**, Rio Claro (UNESP/AGETEO), n.07, v.04, p.01-25. Abril de 1979.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e Espaço Mundos – A Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué; GIL FILHO, Sylvio (org). **Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007. p.57-79.



Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de “O homem e a terra” de Eric Dardel

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. Tradução de Livia de Oliveira.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. Tradução de Livia de Oliveira.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do Medo**. São Paulo: EdUNESP, 2005. Tradução de Livia de Oliveira.

WAGNER, Philip L. **El Uso Humano de La Tierra**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1974. Trad. J Hernandez Orozco.